

O servo insaciável

Fatigado da imensa luta que sustentava nas esferas inferiores, Belino Castro rogou ao Senhor a bênção da reencarnação.

Estava cansado, dizia.

E porque chorasse, compungidamente, um Mensageiro Celeste arrebatou-o do império das sombras e o trouxe para a Terra.

Encantado, Belino recebeu honrosa incumbência. Renasceria para a obra da fraternidade cristã.

Além dos serviços naturais que lhe diziam respeito à própria recuperação diante da Lei, seria prestimoso benfeitor dos doentes. Protegeria os enfermos, distribuiria com eles a coragem e a consolação em nome de Deus.

— Não precisa impressionar-se demasiado com a aquisição de elementos materiais para a execução da tarefa — disse-lhe o emissário divino; — mantenha as mãos no arado generoso do trabalho e o seu serviço atrairá os recursos de que necessite.

— Mas — ponderou Belino, preocupado —, e quando surgirem dificuldades imprevistas e especiais?

— Utilize a prece e, em seguida, canalize suas forças na direção do objetivo. O suprimento ser-lhe-á, então, entregue por nós, através de circunstâncias aparentemente casuais, para o serviço que lhe compete.

E Belino tornou ao corpo num lar de excelente formação evangélica.

Desde cedo, foi instruído para a verdade e para o bem.

Moço ainda, recolhia do Alto o apelo incessante ao ministério que lhe cabia e, por essa razão, costumava dizer:

— Sinto que tenho abençoada missão a realizar, em favor dos enfermos. Muitas vezes, sonho a ver-me ao pé de numerosos doentes, enxugando lágrimas e limpando feridas. Não descansarei, enquanto não puder construir um grande hospital.

Mas Belino condicionava a edificação a certos fatores que considerava essenciais e, por isso, lembrando intuitivamente a recomendação do benfeitor divino, movimentava a oração, canalizando as próprias forças.

— Poderia auxiliar os enfermos — dizia —, mas aguardava um emprego vantajoso.

E o emprego vantajoso lhe foi concedido.

— Sim — afirmava —, agora, para adquirir segurança, tenho necessidade de um bom casamento.

E o bom casamento lhe veio ao encontro.

— Devo posuir filhos robustos que me auxiliem — ponderou.

E os filhos robustos adornaram-lhe os braços.

— Tudo prossegue regularmente — reconheceu —, mas uma casa própria é indispensável à minha paz.

E a casa própria surgiu, confortável e ampla.

— Para ser útil aos enfermos — ajuntou —, não posso alhear-me dos bons livros.

E preciosa biblioteca enriqueceu-lhe o templo familiar.

— Sem bons negócios, não posso atirar-me à empresa — considerou.

E os bons negócios vieram auxiliá-lo.

— Um automóvel particular resolveria as minhas questões de tempo, alegou.

E, em breve, um carro acolhedor incorporava-se-lhe à propriedade.

— Agora, é imperioso conquistar bons rendimentos — pediu ao Céu, em comovente rogativa.

E bons rendimentos rodearam-lhe o nome.

— Quero mais rendas — insistiu a lamuriar-se.

E mais rendas vieram.

Nessa altura, os filhos já estavam crescidos e Castro implorou vantagens materiais para eles e as vantagens solicitadas apareceram. Em seguida, notando que os rapazes lhe afligiam o pensamento, suplicou a chegada de noras dignas para o ambiente familiar. E as noras chegaram.

Belino, porém, continuou rogando, rogando, rogando...

Certa feita, quando reclamava favores para os netos, chegou a morte e disse-lhe:

— Meu amigo, o seu tempo esgotou-se.

O interpelado, sob forte susto, clamou de si para consigo:

— Meu Deus! meu Deus!... e a minha tarefa? Não posso deixar a Terra sem cumpri-la... Ainda não pude sequer visitar um doente!...

A recém-chegada, contudo, deu-lhe apenas alguns instantes para a bênção da oração.

Castro, ansioso, tomou o Testamento do Cristo, e, de mãos trêmulas, abriu-o precipitadamente. De olhos esgazeados, esbarrou com estas palavras constantes no versículo vinte, no capítulo doze das anotações de Lucas:

— «... esta noite, exigirão tua alma e o que ajuntaste para quem será?»

Mas, antes que Belino pudesse entregar-se a novas e desesperadas petições, a morte apagou-lhe temporariamente a luz do cérebro e o reconduziu à Vida Espiritual.

O grupo reajustado

Instalara-se o grupo de aprendizes do Evangelho, rogando trabalho. Alfredo Saraiva, o farmacêutico do bairro, foi aclamado dirigente. Olímpio Caramuru e Otávio Mafra, dois comerciários prestigiosos, prometiam cooperar. Dona Ofélia e Adão Cunha, velho casal da esquina, suspiravam pelas sessões. Dona Amanda e Dona Gertrudes ofereciam serviços mediúnicos. Dona Generosa, viúva desde muito tempo, alegava a necessidade de oração. João Pires, o dono da casa, não cabia em si de contente.

Nove pessoas ao todo.

Depois da prece inaugural, manifesta-se Irmã Clara, através das faculdades de Dona Amanda. Afirma-se confortada, feliz. A formação do conjunto repercutira no Além. Instrutores amigos haviam registado os votos da pequena comunidade. Os companheiros haviam pedido trabalho e o trabalho não faltaria. Em nome de vários mentores espirituais, ali se achava igualmente interessada em servir. O grupo bem afinado funcionaria como valiosa instrumentação para o socorro celeste. Ninguém receasse. Bastariam a boa vontade, a fé, o amor. Esperava, assim, a harmonização de todos num só objetivo: o objetivo de espalhar o bem. Em torno deles, surgiam a ignorância e a miséria, gerando o sofrimento. Poderiam fazer muito. Distribuiriam consolação, esclarecimento, esperança.

As reuniões começaram animadamente. Depois da